

UM OLHAR SOBRE O HISTÓRICO DA EAD NA UNIUBE: ENTREVISTA COM MARÍLIA DE DIRCEU CACHAPUZ DAHER

Entrevistadores:

Luiz Fernando Ribeiro de Paiva, luizrpaiva@yahoo.com.br

Djalma Gonçalves Pereira, djalma.goncalves@gmail.com

Universidade de Uberaba (UNIUBE)

Conhecendo a entrevistada

Graduada em Pedagogia pela Universidade de Uberaba – UNIUBE, Mestre em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, professora da Universidade de Uberaba, no curso de Licenciatura em Pedagogia e nos cursos de graduação a distância e Assessora Pedagógica dos Cursos de Graduação a Distância da Universidade de Uberaba.

Nascida e criada na cidade de Uberaba, iniciou seus estudos formais até a 4ª série na escola pública, no grupo escolar, e da 5ª série do 1º grau ao 3º ano do magistério estudou em escola particular na mesma cidade. Seu processo de escolarização se desenvolve sob duas leis que regimentavam a educação no país: a LEI 4024/61 e a LEI 5.692/71 que fixava as diretrizes e bases do ensino de 1º e 2º graus que previa a profissionalização no ensino de 2º grau. Assim, sua formação docente inicia-se no magistério de nível médio e, somente anos mais tarde, ingressa no ensino superior para gradua-se em Licenciatura em Pedagogia, no ano 1997, quando uma nova lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional acaba de ser promulgada em 1996. O exercício da docência inicia-se na educação infantil de escolas públicas municipais passando pelas experiências de coordenação pedagógica neste mesmo nível de ensino e na escola de tempo integral e, finalmente, exercendo função de colaboradora na Superintendência de Projetos e Parcerias (SEPPAI), na Prefeitura Municipal de Uberaba, elaborando projetos para as mais diversas áreas, em especial na educação, na cultura e na assistência social. Permaneceu como funcionária na rede municipal de ensino por 20 anos de sua vida profissional. Somente em 2005, após a conclusão do mestrado, é que ingressa no ensino superior, na busca de tornar-se professora Universitária um sonho antigo que desejava concretizar. Sempre afirma que as "inovações pedagógicas" a "perseguem" e acredita que é um dos motivos de estar na educação a distância, modalidade a qual foi acolhendo, conhecendo e acreditando ao longo destes últimos 12

anos, uma modalidade de ensino que, para ela, a cada dia novos desafios são lançados e que se estabelece na educação nacional, desmistificando mitos e preconceitos, mostrando o seu real e importante valor para a democratização da educação no país. Por mais que para muitos pareça que a "escola" não muda, na sua percepção, esse sentimento não é verdadeiro para a EAD que está em constante mudança e transformação trazendo uma rapidez e flexibilidade para os processos educacionais e pedagógicos que, em muitos momentos, a assusta, enquanto educadora. É na sala de aula - presencial ou virtual - que afirma recarregar suas "energias", pois a docência é uma atividade que lhe dá muito prazer e satisfação, a desafia constantemente, fazendo com que busque mais e outros conhecimentos, que a leva a refletir sobre o seu fazer pedagógico, contribuindo enorme e sensivelmente para o processo de profissionalização docente.

Fale um pouco sobre sua atuação no ensino superior.

Na verdade, eu me formei depois de um bom tempo, que eu já havia feito o magistério. Naquela época nós fazíamos magistério. Após terminar a faculdade, eu fui trabalhar e resolvi que queria muito ir para a formação de professores e trabalhar no ensino superior. Então, em 2002, fui buscar o meu mestrado na área de educação. Fiz o mestrado em (2002-2004) na PUC de São Paulo, pelo programa de educação, história, política e sociedade. Em 2004, defendi minha dissertação de mestrado e voltei para Uberaba. Eu tinha um cargo de professora de P1 na prefeitura. Como eu não queria ficar trabalhando nos anos iniciais do ensino fundamental, comecei a buscar a minha inserção no ensino superior. Elaborei meu currículo, fiz o caminho que todos fazem e o distribuí para universidades de Uberaba que tinham curso de pedagogia, e para algumas empresas que trabalhavam com pós-graduação.

As minhas primeiras experiências na docência não foram na graduação, mas sim na pós-graduação e depois de certo tempo trabalhando na pós-graduação, cheguei à Universidade de Uberaba (UNIUBE). Eu havia entregue o meu currículo no curso de pedagogia, que na época tinha o Instituto de Formação de Educadores (IFE) e possuíam vagas na docência. Naquela época, em 2005, a Renata Borges que gestora do curso de pedagogia, me chamou na universidade e me perguntou se eu não tinha interesse em trabalhar no ensino a distância como preceptora.

Até aquele momento, eu não sabia muito sobre Educação a Distância (EAD), tudo que eu sabia era baseado no senso comum, que classifica a EAD como uma educação de segunda qualidade, como um curso vago entre outras histórias, de modo que uma das minhas primeiras perguntas para a Renata foi questionar “se esse negócio dava certo mesmo”. De fato, eu tinha esta dúvida, mas também tinha a certeza de que era uma maneira de começar. Não era o que eu buscava naquele momento, que seria docência em aulas presenciais, e o que eu acreditava dentro da cultura em que fui formada. Então, pensei que eu não tinha nada a perder, mas sim a ganhar com a experiência.

Como se deu seu ingresso na modalidade a distância? Quais foram os fatores que mais favoreceram sua inserção no EAD? Quais foram os fatores que mais dificultaram esse processo?

O curso de pedagogia foi iniciado em 2005, enquanto ensino a distância na UNIUBE, em função da autorização que a universidade recebeu em parceria com o profeto Veredas de Minas Gerais, para formar professores que atuassem nos anos iniciais do ensino fundamental, na educação infantil e nos anos iniciais. E em parceria com o governo do estado, a Universidade formou os primeiros 500 alunos no ensino a distância e em função dessa experiência exitosa, a universidade conseguiu também o seu credenciamento e começa a ofertar a EAD. Com este credenciamento, a universidade ofereceu o curso de pedagogia à distância em Uberaba, Araxá e em um dos primeiros polos no Espírito Santo, onde haviam aproximadamente 500 alunos.

Neste momento comecei com o cargo de preceptoria, pois a Renata havia me chamado justamente em função de mais um grupo, que estava chegando e necessitava de mais preceptores. Eu me empenhei muito no Espírito Santo, com a entrada de novas turmas, assim como com o crescimento em Uberaba e Uberlândia e com aumento de turmas em Araxá. O cargo de preceptoria não era uma docência, mas sim um cargo administrativo de acompanhamento da vida do aluno no ensino a distância, que naquele momento tinha um formato diferente.

O formato de EAD iniciado em 2005 se desenvolveu muito nos 10 anos posteriores. O modelo pedagógico se modificou bastante ainda. Com a ampliação em 2006 da UNIUBE, que ofertava outros cursos de bacharelado e também outros cursos tecnológicos, outras turmas de educação a distância foram abertas. A Renata¹ assumiu a coordenação da graduação e também a coordenação pedagógica da graduação da EAD, constituindo uma nova gestão do curso de pedagogia. Neste momento fui convidada a trabalhar junto à nova gestão do ensino a distância, de modo que a docência e experiência em sala de aula, ainda não se concretizara. Em 2007, eu me tornei a responsável pelo trabalho de ensino a distância em Uberaba e em todos os polos e por toda a organização de calendários de cronograma de entrega de atividades. Naquela época, fazíamos convites aos professores para trabalhar nos polos, e muitos deles saíam de Uberaba para encontros presenciais em outros lugares, fazíamos todas as faltas desse dia, discutíamos quais os temas que os professores iriam trabalhar, cuidávamos da parte respectiva ao material das provas que eram enviadas pelos polos, acompanhávamos o processo de correção, ou seja, eu era responsável por toda uma atividade bem próxima da gestão.

Ainda em 2007, eu recebi o primeiro convite para trabalhar como professora no ensino presencial, de modo que eu iria começar com algumas disciplinas, no curso organizado por unidades

¹ Renata Maria de Almeida e Borges. Mestrado em Formação de Professores pela Universidade de Uberaba, Brasil (2004). Professor Titular da Universidade de Uberaba.

didáticas e unidades temáticas, em uma disciplina de espaço pedagógico e depois em uma outra disciplina com prática de pedagogia. Depois de um tempo eu assumi mais duas outras disciplinas, de forma que minha experiência no ensino superior enquanto docente foi constituída no curso de pedagogia tanto no presencial quanto a distância.

Enquanto eu trabalhava na coordenação e participava dos encontros presenciais em Uberaba e/ou nos polos para os quais viajava, sempre fiz questão de estar junto com os alunos, de exercer a docência, porque era o momento de troca de saber e entender como que eles recebiam o conteúdo que estávamos disponibilizando, como que eles compreendiam uma modalidade. Essa foi uma experiência muito rica e sempre que vamos para a sala de aula, isso ajuda nas funções de gestão.

Em ordem decrescente, quais problemas da Educação Superior teriam relações com a modalidade EAD, e quais seriam independentes dessa modalidade?

Nós podemos considerar a educação a distância como uma inovação pedagógica, quando são experiências e práticas que são acolhidas e aceitas pela legislação Nacional com intuito de resolver problemas e dilemas da nossa educação como questões de evasão, de repetência e da qualidade do ensino. Em minha dissertação de mestrado, eu usei conceitos e o pensamento do Azanha², dos quais ele reflete justamente sobre as experiências pedagógicas. Eu sempre fui aberta para trabalhar e não sei se podemos falar de destino, mas sempre apareceu esse tipo de desafio no meu processo de trabalho, e eu nunca fui de fugir, sempre busquei o enfrentamento.

Então, eu pensava que se isso estava surgindo era porque eu teria alguma coisa, que eu poderia aprender com tudo e busquei fazer, enfrentar ao invés de encarar como dificuldade, e dizia para eu mesma, que eu iria buscar compreender antes de tudo. Eu tinha uma visão, uma imagem, até mesmo um certo preconceito sobre o que seria a educação a distância, mas a partir do momento que eu passei a viver o universo da EAD, percebi que esse processo era possível de ser realizado como qualquer outra modalidade de ensino, e que o ensino a distância não é melhor nem pior, apenas é diferente, de modo que ela vai atender determinados perfis, como também não vai atender outros.

Alguns alunos se adaptam muito bem ao ensino presencial e há aqueles que não. Surgindo dificuldades, às vezes, esses alunos tornam-se impacientes com alguns professores e com os colegas, até mesmo por diferenças de formação, de idade, de personalidade. Não entendo a EAD como alguma coisa que vem para resolver todos os males da educação, mas sim como uma modalidade que pode contribuir na educação de muitos que, de outra forma, não poderiam estar cursando o ensino superior e que isso faz muita diferença na vida deles.

Desde do final de 2005, são muitos os relatos de alunos, de diferentes cursos, que

² José Mario Pires Azanha (1931-2004). Professor na Universidade de São Paulo desde 1966, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e professor da Faculdade de Educação a partir de 1974.

demonstraram gratidão por ter conseguido a formação, o sucesso com a inserção no mercado de trabalho, aproximando a EAD com o ensino presencial, como uma modalidade que pode favorecer os alunos tanto quanto.

Qual é a história da modalidade EAD na Universidade de Uberaba? Quais os grandes marcos dessa história?

Sobre a educação a distância, a história que sei é a de quando cheguei, uma vez que ela já estava acontecendo. Vivenciando-a podemos perceber algumas coisas, nosso reitor ele é um visionário, ele enxerga à frente. Então em 2000 ele constituiu um grupo de professores na universidade que ele acreditava que poderia contribuir e começar com um projeto, com o programa de educação a distância. Então ele convidou as pessoas para trabalhar e fazer parte desse programa, oferecendo uma formação para esse pessoal sobre o que é ensino a distância.

Eu acredito que muito deles talvez, assim como eu, apresentaram a mesma resistência e fizeram as mesmas perguntas que eu fiz no início: “Será que vai dar certo? Será que isso funciona? O que é isso? O que é educação a distância?”. Este pessoal passou por um processo de formação e começou o primeiro curso em 2002, que se não me engano foi o curso de cafeicultura irrigada que a universidade ofereceu, só que o curso não era da graduação, mas sim da pós-graduação. Em 2002 a universidade também estabeleceu parceria com o governo do projeto Veredas e em 2005 tem sua oferta autorizada para o curso de graduação em 2006, ampliando não só a EAD para os cursos de pedagogia, mas também para licenciaturas e bacharelados. Já possuindo oferta para administração, ciências contábeis e cursos tecnológicos.

Posteriormente, em 2007, foram ofertados os primeiros cursos de engenharia a distância, sendo eles um grande desafio, em função da especificidade dos cursos, que iam da necessidade prática de laboratório à complexidade da formação. Em 2009 e 2010, ocorreu a primeira mudança do projeto modelo pedagógico, tendo a inclusão do AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem), da tutoria *on-line* e de um processo de aprofundamento do material didático, pois, no início, trabalhava-se com roteiros de estudo e atividades escritas. Os roteiros remetiam a inúmeras leituras. Eles continham orientações de estudos relativas às leituras dos textos de teóricos especialistas nas respectivas áreas.

Em 2010, por uma exigência do MEC, nós realizamos um aprofundamento de todo o nosso material didático-pedagógico. Os conteúdos dos roteiros foram estendidos e foi dada uma maior profundidade a cada tópico abordado, sem perder a lógica do diálogo com o leitor. Iniciou-se, também, a tutoria *on-line*, com professores realizando atendimento no AVA. Ao final de 2016, foi implementada uma nova mudança no modelo pedagógico: os cursos passaram a ser frequentados em módulos bimestrais, modelo diferenciado do que até então estava sendo praticado.

Como está organizada e como atua a equipe de EAD da Instituição?

Hoje, a educação a distância está estruturada de outra maneira. A partir de 2015/2016, a universidade separou a educação a distância estabelecendo sua própria pró-reitoria, com cinco coordenações ligadas a ela: a coordenação de graduação, que é assumida hoje pela professora Silvia Bisinotto³ – eu trabalho junto a ela na coordenação de graduação como assessora pedagógica; a coordenação de pós-graduação; a coordenação de gerências de processos operacionais e gerência de polos; a coordenação de gerência comercial e a de tecnologia. Cada coordenação tem suas equipes e, às vezes, como na gerência de polos, por exemplo, as equipes estão nos nossos polos, ou parte da equipe encontra-se em polos de apoio presencial.

Quais são os problemas específicos da modalidade a distância?

Em relação a problemas, como eu disse anteriormente, eu não vejo e não entendo as diferenças específicas da educação a distância, eu vejo desafios na EAD, assim como observo desafios no presencial. Igual você disse, temos problemas e aspectos comuns e recorrentes, e que são relativos ao ensino superior. Então assim como no presencial, nós temos na educação a distância essa dificuldade da questão de evasão, de repetências. Eu vejo assim e elenquei o que acredito, que são os dois grandes desafios que temos no ensino superior e que se desdobram em consequências para o nosso trabalho.

O primeiro deles é tentar cumprir com o objetivo de formação dos alunos, de fazer com que eles se tornem aquilo que eles precisam para seu perfil profissional e tudo mais que eu também acredito que é um desafio hoje da modalidade presencial. Se pensarmos a educação a distância, eu acho que não é diferente do presencial, hoje temos recebido um público muito diferente e um público com muita dificuldade em determinadas questões de conteúdo, que o professor considera aquela base fundamental para começar o ensino superior, com o mínimo de conhecimento.

Eu acredito que, na educação presencial, há questões que se tornam um desafio para a gente, por exemplo, as dificuldades iniciais com leitura e escrita e também com a interpretação de textos, coisas que vivenciei na prática do ensino superior.

Poderá haver frustração no processo de formação, isso talvez aconteça e, apesar de eu não ter parado para pensar nisso, seria uma ilusão dos alunos, ao ingressarem no ensino a distância, considerar que será mais fácil. Isso é um engano que temos que mostrar para o aluno, aos poucos. É preciso apresentar as dificuldades da EAD em termos de organização do tempo; de espaço; de onde e quando o aluno irá estudar, além da questão do gerenciamento de toda essa *liberdade* para estudar. Ele precisa entender que o conhecimento precisa de ser construído, uma vez que o projeto é o mesmo do ensino presencial e o perfil a ser construído também é o mesmo. Assim, sabemos que vamos arrumar recursos, meios e formas diferentes de fazer com que o aluno tenha a formação adequada.

³ Silvia Denise dos Santos Bisinotto. Mestrado em Administração pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil(2000). Gestora do Curso de Administração EAD da Universidade de Uberaba.

Alunos que ficaram muitos anos sem estudar, quando ingressam no EAD acabam apresentando problemas também. Outro fator é a dificuldade com o uso da tecnológica, uma vez que o aluno precisa ter domínio básico do ambiente virtual. Isso acaba sendo um desafio para nós conseguirmos com que ele usufrua bem do ambiente virtual e das ferramentas que ele tem à disposição dele. Acho que estas são as questões que passam a ser um desafio para nós. Pois temos que atuar em uma universidade que conta com uma equipe grande, distribuída em todos os polos, e que são nossos olhos nestes polos.

Que procedimentos a universidade adota para garantir o pleno funcionamento dos vários polos, considerando a sua extensa área de atuação em várias regiões do país?

A educação só pode acontecer de forma centralizada. É descentralizar, mas ao mesmo tempo centralizar a ação aqui em Uberaba. Então é daqui que são enviadas todas as orientações. É aqui em Uberaba que é feito o processo de orientação, de acompanhamento e de intervenção. É uma grande equipe que trabalha aqui e nos polos para que a gente consiga realmente realizar e acompanhar o que está acontecendo.

Qual é a sua avaliação do chamado ensino híbrido e qual a relação existente entre esse modelo e a EAD praticada atualmente, considerando os materiais didáticos, as várias mídias utilizadas e a atuação do professor e do tutor?

Em relação à dificuldade com o uso da tecnologia, eu também não percebo que é um problema só do nosso aluno da educação a distância, verificamos isso com alunos do presencial, tenho na minha sala muita resistência dos alunos, por exemplo, quando a gente propõe de abrir um fórum e discutir esse fórum em casa.

Não dá para discutir aqui, mas podemos abrir um tema de alguma coisa que a gente estudou e ficou meio inconclusos e que poderíamos ampliar a discussão dentro do ambiente virtual e usando o fórum, a ferramenta fotos, mas alunos são muito resistente, tem grupo de alunos e de alunas que também vão para sala de aula depois de entrar em contato com crianças que nascem com as novas tecnologias e que nascem no mundo digital, ou seja, já nasceram mexendo com as novas tecnologias, e aí? Como é que fica essa relação então? É um desafio para gente trabalhar com esse público? Eu vejo também que não é o perfil desse aluno, a compreensão deles sobre qual é o seu real papel nesse processo de ensino-aprendizagem, então desenvolver determinadas habilidade e de ser organizado, de montar um cronograma de estudos, porque ele acha que não tem que ir todos os dias à escola, estudar todos os dias e isso é uma coisa que a gente precisa trabalhar. E eu acho que a real importância é o valor do conhecimento para o seu processo de formação pessoal e profissional.

Hoje os alunos são muito focados na nota e ponto. Esquecem o que é aprender e que a nota é

consequência do seu esforço, do seu empenho, da construção desse conhecimento, e ficam desesperados no momento da prova, mas poucos se empenham. Eu também vejo que isso não é problema só do EAD, mas sim do aluno como um todo.

O segundo desafio que eu entendo neste contexto é investir e melhorar a tutoria. Romper com a barreira, por exemplo, do professor achar que ele pode usar as mesmas estratégias, os mesmos recursos utilizados no ensino presencial. Só vamos demandar um jeito diferente de atender esse aluno. Então acho que é um desafio para nós.

Às vezes você vai ter que usar mais recursos, formas, jeitos diferentes daqueles que você usaria no ensino presencial, para fazer com que o aluno de EAD consiga aprender, mas isso eu não vejo como problema, mas sim como uma necessidade e função da modalidade. E que se a gente usasse, esses mesmos recursos com alunos do presencial, surtiria mais efeito. Assim, tentar fazer com que a tutoria seja mais próxima do nosso aluno, seja mais efetiva, mais envolvente, ou se colocar no lugar dele. Questionar se eu, enquanto aluno, ficaria satisfeito com essa resposta que eu estou dando. Atender às expectativas, se ele compreende, eu vou estar contribuindo para seu aprendizado, porque na hora que ele conseguir perceber onde que está a dificuldade dele e que ele precisa também voltar a estudar o que eu estou explicando, ele compreenda aquele conceito. Eu acho que esse é o nosso desafio, de fazer isso seja de forma falada, de forma escrita, com exemplos.

Outro dia, eu estava em uma palestra de uma pessoa estudiosa de um seminário *on-line*, na qual ela dizia que as nossas respostas como tutores precisam vir emolduradas com educação e afetividade. Então, quando a gente conseguir perceber isso, eu acho que já será um grande avanço. Como a consequência disso, dessas duas coisas, o desafio de formar meu aluno com aquilo que ele realmente precisa ter para exercer essa profissão com excelência.

Outra questão é a constante atualização do material didático que você está disponibilizando. A tecnologia ela facilita, mas também possui seu lado perverso, os alunos vão usar de estratégias, por exemplo: que eles disponibilizem as suas perguntas e suas respostas (as colas virtuais). É uma algo, que a gente enquanto professor precisa estar sempre melhorando, modificando e atualizando o material e melhorando o nosso ambiente virtual de educação.

A universidade ela tem o privilégio de contar com um ambiente virtual que é dela, que é próprio e que atende as suas necessidades. Que tem um bom ambiente virtual com excelentes ferramentas, que muitas das vezes são melhoradas com auxílio dos professores, que também ajudam a criar novas ferramentas para e atender as necessidades. Acho que isso é um ganho, e que se dependêssemos de um ambiente gratuito, talvez isso limitaria a nossa educação a distância. Isso na inovação eu acredito que é um ganho, que isso são consequências que faz fluir por que é dinâmico o conhecimento é dinâmico, o conhecimento vai modificar. Então você vai melhorar esse conhecimento, porquê as relações vão se modificam, as necessidades vão acontecendo e em função

disso a gente muda também, vai se adaptando.

Por fim, como consequência, é melhorar os nossos encontros presenciais. Atualmente, no nosso modelo, eles são obrigatórios conforme a legislação. Que são encontros presenciais para provase práticas laboratoriais, há a obrigatoriedade, entretanto, o nosso aluno pode ir ao polo semanalmente para poder tirar dúvida com seus professores. Então acho que o nosso desafio é fazer com que esses encontros sejam melhores, que coloquem os alunos em uma situação mais ativa de estudo e de diálogo. E acho que esse também é um desafio para a gente melhorar a qualidade dos encontros presenciais. Se meu aluno, ele não é obrigado a ir, mas caso ele queira ir, que ele chegue nesse momento e que ele consiga ter um atendimento de qualidade e que consiga nesse momento interagir com os outros, estudar. Que realmente seja um momento que contribua para a construção do conhecimento. Integrar estas diferentes formas, estes diferentes meios, recursos e tempos e espaços para aprender.

Eu acredito que isso não tem volta mais. O EAD não irá abrir mão totalmente dos encontros presenciais, para determinados cursos é possível, para determinados alunos também, porém para muitos outros não, eles ainda necessitam destes encontros. Logo é um desafio nosso fazer com que esses encontros sejam cada vez melhores, e que o aluno chegue aos nossos encontros presenciais com a certeza de que ele está com alguma dúvida, com algum problema e que ele vai conseguir sair de lá com uma resposta satisfatória em relação aquilo. E também eu acredito que o ensino presencial vai utilizando cada vez mais da tecnologia, para auxiliar no ensino. Às vezes por mais que no modelo presencial, exista o contato diário com os alunos, o professor pode gravar vídeos e disponibilizá-los para os alunos assistirem em outro momento, via ambiente virtual. Isso o permitiria fazer o uso daquele conhecimento em outras ocasiões. Seria a tecnologia auxiliando diretamente no aprendizado do aluno e proporcionando liberdade.

Para a seleção de profissionais par atuar na EAD, qual é o perfil docente ideal?

Eu acredito que a gente vai cada vez mais transitar entre essas duas modalidades e como qualquer modalidade precisamos de um professor que tem o conhecimento técnico-científico da área que ele trabalha. Na educação a distância, precisamos de um profissional que saiba usar as novas tecnologias. E se ele não sabe, pelo menos que ele esteja disposto a aprender. Nós vamos ter professores que entraram a pouco tempo e que mesmo não sendo acostumados, não tendo isso como parte da sua rotina, eles já conseguem em pouco tempo desempenhar suas atividades, enquanto temos outros professores que estão conosco há muito tempo, mas ainda resistem, a ir para o estúdio gravar uma aula resolvendo um exercício, por exemplo, em função de câmeras e todo aquele aparato. Logo, nós precisamos de pessoas que estejam abertas a outra coisa, que eu acho que é uma característica importante, um professor que gosta de se relacionar com os seus alunos individualmente, ou então de

responder, que goste dessa interação, porque os alunos da educação a distância precisam, eles são ávidos.

Eu preciso de um professor que vá lá e responda, que perceba que isso é importante para o lado dele, que ele goste desse trabalho, dessa interação, de desenvolver também relações interpessoais positivas, mesmo no ambiente virtual. Aí voltamos àquela pergunta: essa resposta que eu acabei de dizer, essa resposta que eu estou dando para o meu aluno me satisfaria enquanto aluno?

Então, é pensar como aluno e agir como professor, nesse momento acho que as características são estas. E que as vezes você tem uma pessoa com a formação muito boa, entretanto ele não tem estas habilidades.

REVISTA PROFISSÃO DOCENTE ON LINE